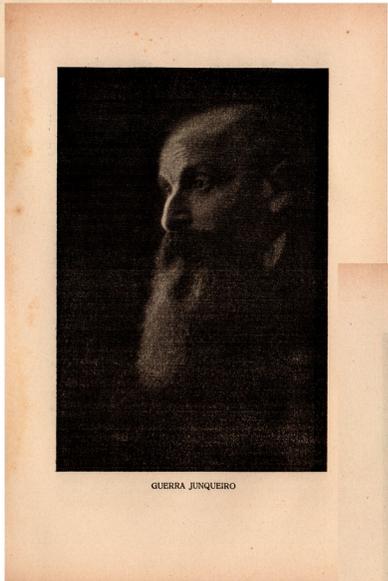
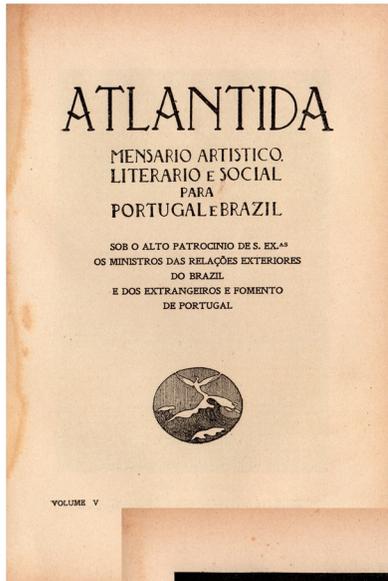


# Guerra Junqueiro

na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa



1

**Guerra Junqueiro**

Este número da *Atlântida* é, em parte, dedicado à obra de Guerra Junqueiro. Obra admirável, obra que, nunca deixando de ser lírica e filosófica, vive e viverá sempre, também, pela sua alta e nobre inspiração patriótica. — É justo consagrá-la mais uma vez nesta hora de supremo sacrifício e de suprema glória para Portugal. Poeta épico e poeta cívico, Junqueiro foi o intérprete da alma nacional nas crises mais graves que temos atravessado há cinquenta anos para cá. E à sua poesia eloqüente e profunda deve a República uma das forças guiadoras da sua alma de justiça e de liberdade, deve a Pátria uma das mais altas expressões do seu sentimento e das suas aspirações íntimas.

A *Atlântida* saúda o mestre eminente; e agradece a Guerra Junqueiro a honra da colaboração que lhe deu, em duas páginas de génio, tão vibrantes de exaltação metafísica, como fulgurantes de beleza e enternecidas de carinho e de graça.



JUNQUEIRO

Levaste aos ombros a cruz  
 Dum Povo em sombras imerso,  
 E é todo em flôr o Universo,  
 Os astros vertem mais luz!

Agosto de 1923.

Miguel Unamuno

2

A ÁGUA

alimentos que comulcam, morali, viver o problema, a ação magica o homem sobre os deuses, conquistado como postulado o primado do budismo, o arifismo, a acção de causalidade política, ou se eleva a alma ao firmamento e do ideal, do sensível e da Razão, e lhe sair esta pela morte, nenhuma força nele constitui limite do poder sentir: pois todas, que a produzem, são e desartiguadas pelo mau

O recurso está apenas num excesso da piedade divina, chamando as vontades, hostis a um novo amor, é uma reconciliação da honra com a Harmonia.

Assim, claramente anunciado em Habacuc, Isaias, Job, em muitos salmos, apoteose, por exemplo, no salmo cinquenta, com esta forma: "O sacrifício digno de se oferecer a Deus é um espírito transpassado de dor..."

O sacrifício não é a comunicação da vida mortal por filitros mágicos, não é o desprendimento casual das forças divinas por um operário determinista ritualista, não é uma natural inercia do amas individual em *Urethmas*, etc., etc., mas a vontade do homem aberta à Caridade de Deus.

E, com Jesus, o alimento e a bebida, o filtro magico é tão somente o seu conceito de infinito amor e piedade.

E não é a descreção da vida sensível, indo pela Razão para a vida espiritual, mas a transição feita da sua beleza orgânica.

Essa a diferença também entre o platonismo e o cristianismo.

O primeiro é a apreensão da natureza divina mediante superior à sensível e a tentativa de dar-lhe todo o presente sobre o seu, pela libertação progressiva do corpo até à sua destruição no morte.

O segundo é a vida eterna natureza marchada, que a redenção reintegrará em sua originalidade pura.

O platonismo *realizava-se* por si, o cristianismo *pelo sacramento de Jesus*.

O primeiro é uma especialização académica com a nobre coragem das suas responsabilidades: a beleza da fé e a serenidade da sua doutrina empanhando o corpo da ciência, numa alegre partida para os campos eternos — a Academia encimando o Universo.

O segundo é o amor espalhado, posto a correr constante no coração

A ÁGUA

Revista mensal, órgão da «Renascença Portuguesa» - Fundação: Miguel Unamuno, Leonamdo Coimbra, Raul Brandão, Bernardino de Sá, António Alves do Monte - Redacção, Administração e Imprensa: Rua dos Martires da Liberdade, 176 - Lisboa - Gabinete de Publicações: p. 10 - e - 111 - Lisboa - 1923

TELEGRAMA DO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA

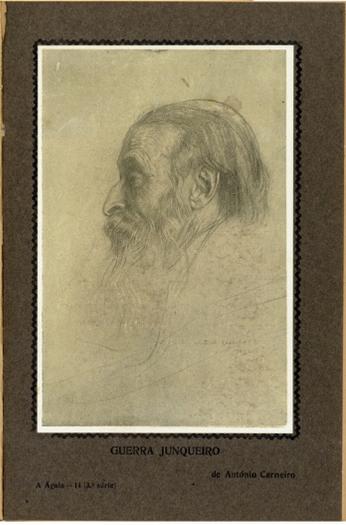
DOUTOR LEONARDO COIMBRA

Continuo ainda longe do meu restabelecimento e num grande estado de fraqueza geral, não podendo, por isso, colaborar na "Água" homenagem ao grande Junqueiro como V. Ex. deseja.

Peço-lhe, pois, que não demore a saída da sua revista por minha causa porque, repito, não sei quando poderei empregar um pouco de esforço ainda que não muito.

Afectuosos cumprimentos

António José de Almeida.



3

**SERÕES**

Outubro de 1905 N.º 4

**Guerra Junqueiro**

Este Guerra Junqueiro tem-se, excepto talvez, e tem-se do magico passo. O grande cantor da *Morte de D. João* não foi ainda sentido como precisão e profundidade, sem que se compreenda a sua expressão e o pensamento de um homem de profunda e alta cultura de pensamento, a partir dos Salmos, a sua obra é uma tentativa de ser platonico, a propria forma em cruzes marmoreas quando o reflecto admiravelmente em synthese. Mas essa synthese excepto naturalmente a materia espirito. A grande poeta não tem habito regular de trabalho. Levanta-se cedo, e a peça a escrever, depois de archivar a mancha da Bíblia, clonando Verbo e Justiça, Junqueiro encerra, modesto.

difficilissimo. O fogo extenuador e purificante, transformando-se de repente em luz. De se há que o poeta tirasse, como vemos estas palavras de cores e luzes, vestia a alma de bordes humilde, forte e suave de essas expressões inimitaveis — mas que cresceram no pleno momento da natureza orgânica. A propria platonismo exterior deposita no seu aspecto a simplicidade divina do seu texto, que é um encanto. Ao mesmo crescerem, como as da Baskins e com ellas, de certo, cresce a sua poezia.

COMO O POETA TRABALHA

O grande poeta não tem habito regular de trabalho. Levanta-se cedo, e a peça a escrever, depois de archivar a mancha da Bíblia, clonando Verbo e Justiça, Junqueiro encerra, modesto.

## JUNQUEIRO PELOS SEUS CONTEMPORÂNEOS (3)

Revistas de cultura dedicam a Junqueiro extensos artigos.

Na *Serões*, Júlio Brandão partilha os espaços íntimos do poeta, em 1905.

Na *Atlântida*, é-lhe dedicado um número, em 1917, com artigo de João Grave.

A *Água*, sob o choque da sua morte, edita um número de homenagem, juntando contributos de Miguel Unamuno, Leonardo Coimbra, Raul Brandão, Hernâni Cidade, e outros.

1. *Atlântida*  
Ano 2, N.º 19, 17 Mai 1917
2. *A Água*  
Série 3, N.º 13-14, 1923
3. *Serões*  
N.º 4, Out. 1905, p. 281-292